

A CRISE DO CAPITALISMO E O MUNDO IMPERIALISTA (1870-1920)

FABIANE CRISTINA DE FREITAS ASSAF BASTOS*

RESUMO

O presente artigo é um balanço bibliográfico em torno do Imperialismo e sua relação com as modificações globais provocadas pela crise do capitalismo na Inglaterra a partir de 1870, estudada, principalmente, por Vladimir Ilitch Lenin, além de outros autores como Karl Marx, Rosa Luxemburgo, John Hobson, Rudolf Hilferding, Karl Kautsky, Nikolai Bukharin, Aloísio Azevedo, Eric Hobsbawm e os liberais Joseph Schumpeter e Norman Angell. Defende-se a ideia de que a complexa e densa discussão deve levar em conta esta crise e seus desdobramentos no campo econômico-financeiro, bem como o contexto anterior do capitalismo com suas mudanças estruturais, que levou a um acirramento dos conflitos entre as potências em nome de colônias, lucro e riquezas, processo que culminou numa "guerra imperialista", como denomina Lenin a guerra de 1914-18, bem como se ressalta a importância da transição do velho para o moderno capitalismo dentro deste complexo processo.

Palavras-chave: Imperialismo; Capitalismo; Crise; Guerra.

ABSTRACT

This article is a bibliographic balance about the Imperialism and its relations among the global modifications caused by the Capitalism crisis in the late 1870's England, studied, principally, by Vladimir Ilitch Lenin, and by others authors such as Karl Marx, Rosa Luxemburgo, John Hobson, Rudolf Hilferding, Karl Kautsky, Nikolai Bukharin, Aloísio Azevedo, Eric Hobsbawm and the liberal ones, Joseph Schumpeter and Norman Angell. The main thesis is that the complex and dense discussion must consider its economic and financial developments, as well as its previous context which led the economic powers into a battle over the colonies, the profit and its riches; process that Lenin called "Imperial War", referring to the First World War and the transition between the old and the modern Capitalism inside this complex process.

Keywords: Imperialism, Capitalism, crisis, War.

* Graduada em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF).
E-mail: fabiane.assaf@gmail.com

Introdução¹

Objetiva-se neste artigo discutir, brevemente, as bases da discussão teórica acerca do Imperialismo e da crise do Capitalismo, utilizando-se para tal, inevitavelmente, o autor introdutório para se discutir este assunto, Vladimir Ilitch Lenin em *O imperialismo, fase superior do Capitalismo* (1916), além dos autores que dialogam com Lenin em suas reflexões sobre o imperialismo e sua relação com o Capitalismo, como Rosa Luxemburgo, Karl Marx, John Hobson, Rudolf Hilferding, Karl Kautsky, Nikolai Bukharin, Eric Hobsbawm, Aloísio Teixeira e, sob verniz liberal, Joseph Schumpeter e Norman Angell.

Em *O Imperialismo, fase superior do capitalismo*², Lenin articula os dois fenômenos históricos que titulam a obra, o primeiro (imperialismo) sendo uma evolução do segundo (capitalismo), a “fase histórica superior”. Pensou-se em utilizar os comentários dos prefácios às edições russa, francesa e alemã que o autor utiliza para introduzir seu texto para, dessa forma, introduzir-se o debate sobre o imperialismo, debate denso e complexo, mas que deve ser entendido em sua articulação com o capitalismo e sua crise. Nesta breve introdução, o autor articula pontos centrais para o entendimento do imperialismo e sua articulação com o capitalismo.

No prefácio à edição russa de *O Imperialismo, fase superior do capitalismo*, Lenin afirma ser impossível entender a guerra e política à época (data de 1916 a primeira edição) sem que se entenda a essência econômica do imperialismo. Já no prefácio à edições francesa e alemã, afirma que, para ele, a guerra de 1914-18 foi imperialista e uma guerra pela partilha do mundo, pela divisão e redistribuição das colônias, das esferas de influência do capital financeiro. Reforça que devem ser considerados todo o conjunto de dados da vida econômica de todas as potências beligerantes e do mundo inteiro. Mostra através do que chama de “dados burgueses” que o mundo estava repartido em 1876 e em 1914 e demonstra, para tal, a partilha das estradas de ferro em todo o globo em 1890 e em 1913. Nesse sentido, as ferrovias constituíram o balanço dos ramos mais importantes da indústria capitalista, hulheira e siderúrgica; na terminologia de Lenin, uma combinação, i.e., “a reunião numa só empresa de diferentes ramos da indústria, que ou representam fases sucessivas da elaboração de uma matéria-prima” entre a produção industrial-bancos na formação do capital financeiro e conformação dos monopólios³.

Lenin defende a ideia segundo a qual os professores burgueses apresentam a construção de ferrovias como sendo um processo simples, natural, democrático, cultural, civilizador, segundo ele, “pagos para embelezar a escravidão capitalista e os filisteus pequeno-burgueses”. Na verdade, trata-se de construção que se transfigura em instrumento de opressão de milhões e milhões de pessoas, no contexto dos laços capitalistas. O Capitalismo, assim sendo, transformou-se num sistema universal de subjugação colonial e de estrangulamento financeiro da imensa maioria da população do planeta por um punhado de países avançados e, nesse sentido de exploração de uma maioria por uma minoria é que Lenin nos introduz o imperialismo. A partilha desse saque efetua-se entre duas ou três potências, armadas até os dentes (América, Inglaterra, Japão) que dominavam o mundo e arrastavam todo o planeta para a sua guerra pela partilha do seu saque⁴.

Para Lenin, a origem da luta armada e a guerra civil entre as duas tendências

1 Artigo produzido como trabalho de conclusão da disciplina “História Econômica Geral e do Brasil”, disciplina ministrada pelo professor César Honorato no segundo semestre de 2015 na Universidade Federal Fluminense (UFF).

2 LENIN, V. I. *O Imperialismo, fase superior do capitalismo*. 3ed. São Paulo: Centauro, 2010.

3 *Idem*, p.6.

4 *Idem*, p.2.

é um fato evidente, e a base econômica deste fenômeno histórico universal encontra-se no parasitismo e na decomposição do capitalismo, inerentes à sua fase histórica superior, quer dizer, ao imperialismo. Portanto, o capitalismo deu agora uma situação privilegiada a um punhado de países particularmente ricos e poderosos que, com o simples corte de cupons, saqueiam todo o mundo⁵. A ideia de poucos com muito e muito com poucos inicia-se neste período, quando a renda é pouco distribuída e o capital se concentra na mão de poucos - como denomina Lenin: “a concentração de produção e os monopólios”, que até os dias de hoje se observa; a chamada desigualdade social.

A tendência ao empobrecimento da classe trabalhadora e a desigualdade social já era anunciada por Marx em *O Capital*⁶, especialmente no capítulo XXIV, “A chamada Acumulação Original”, em que Marx explicita que o processo de transformação do trabalhador em proletário e de suas condições de trabalho em capital resultou na expropriação não mais do trabalhador, que trabalha para si, mas do capitalista que explora e liquida muitos trabalhadores, por meio de leis imanentes da própria produção capitalista⁷.

Na lógica da revolução social do proletariado, de que fala Lenin, tamanho superlucro advindo da exportação de capitais permitiu subornar os dirigentes operários e a camada superior da aristocracia operária e o imperialismo é véspera da revolução social, fato confirmado à escala mundial desde 1917⁸.

Lenin, nesse sentido, instiga o movimento social revolucionário a reagir contrariamente ao movimento do imperialismo e em *Imperialismo, fase superior do Capitalismo* ele analisa as particularidades econômicas fundamentais do capitalismo com seus laços e relações recíprocas para, desse modo, compreender o imperialismo, a exemplo do incremento da indústria e o processo rápido de concentração de produção em empresas cada vez maiores⁹.

Lenin apresenta dados impressionantes neste sentido: Nos EUA, por exemplo, “país avançado do capitalismo econômico”, em 1904, havia 1.900 grandes empresas com uma produção de um milhão de dólares empregando 1.400.000 (num total de 5.500.000, portanto, 25,6%) funcionários e o valor da produção atingia 5,6 bilhões; em 1909, havia 3060 empresas com 2 milhões de operários (num total de 6.600.000, portanto, 30,5%), 9 bilhões de produção anual. Chama atenção para o fato de que quase metade da população global de todas as empresas do país estava na mão de uma centésima parte do total de empresas, ou seja, numa lógica de distribuição muito desigual¹⁰.

Rosa Luxemburgo em *A acumulação do capital – estudo sobre a interpretação econômica do Imperialismo*¹¹, realiza estudo minucioso sobre a teoria econômica marxista e apresenta sua obra, no prólogo, como “de importância para a luta prática contra o imperialismo. Em seu capítulo XXIII, “Protecionismo e Acumulação”, considera o imperialismo a expressão política da acumulação de capital. Segundo ela, dados o grande desenvolvimento e a concorrência cada vez mais violenta dos países capitalistas para conquistar territórios não-capitalistas, o imperialismo aumentou sua agressividade contra o mundo não-

5 *Idem*, p.4.

6 MARX, K. *O Capital. Contribuição da Crítica da Economia Política*. Editorial “Avante!”/ Edições Progresso Lisboa - Moscovo, 1982,

7 *Idem*, p.1012.

8 LÊNIN, *op.cit.*, p.4.

9 *Idem*, p.5.

10 *Idem*, p.6.

11 LUXEMBURGO, Rosa. *A Acumulação do capital – Estudo sobre a interpretação econômica do Imperialismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

imperialista, aguçando, deste modo, as contradições entre os países capitalistas em luta¹².

Com estas informações preliminares colocadas, deve-se aprofundar a discussão acerca do imperialismo e de que forma a crise do capitalismo, a partir de 1870, insere-se no debate. Cabe trazer à baila, além dos autores clássicos à temática, como Lenin, Marx, Rosa Luxemburgo, John Hobson, Rudolf Hilferding, Rudolf Hilferding, Karl Kautsky, e Nikolai Bukharin; aqueles que a comentam, como Eric Hobsbawm e Aloísio Teixeira.

Mais para frente, é importante perceber como a crise do capitalismo foi sentida pela Inglaterra¹³, potência global até os anos 1920 e, no meio desse contexto, será necessário discutir a Grande Guerra (1914-1918) e seus desdobramentos em cada autor - segundo Lenin, uma guerra imperialista.

Karl Kautsky defendeu em artigo intitulado *Ultraimperialismo* (1912)¹⁴ a ideia de que uma das formas da movimentação da crise própria da existência do capitalismo – caracterizada pelo excesso de produção e colapso de preços e não necessariamente indispensável para o modo de produção capitalista – é o imperialismo, precedido pelo livre comércio. Kautsky deixa claro que o doce sonho de harmonia internacional chegou rapidamente ao fim e, como regra geral, as zonas industriais passaram subjugar e dominar as zonas agrárias.

Kautsky defende que o imperialismo foi particularmente encorajado a partir do sistema de exportação de capital para as zonas agrárias que emergiram ao mesmo tempo, visto que o capital estrangeiro em si se infiltra ao país agrário, em primeiro lugar para desobstruí-lo através da construção de ferrovias e, em seguida, a fim de desenvolver a produção de matérias-primas, que inclui não só a agricultura, mas também as indústrias extrativistas e mineiras.

Kautsky, portanto, define a construção de ferrovias, a exploração de minas e que o aumento da produção de matérias-primas e produtos alimentares nos países agrários como necessidades vitais para o capitalismo.

N. Bukharin em *O Imperialismo e a Economia Mundial*¹⁵ apresenta duas teorias preponderantes para analisar o fenômeno do imperialismo: a primeira, que vê na política moderna de conquista uma luta de “raças”: “raça eslava”, “raça saxã”, e, desde que se pertença a um desses grupos, possuem-se todas as taras ou todas as virtudes, e a segunda “teoria” grandemente difundida do imperialismo que o define uma política de conquista em geral. Desse ponto de vista, pode-se considerar como tal o imperialismo de Alexandre da Macedônia e dos conquistadores espanhóis, de Cartago e de João III, da antiga Roma e da América moderna, de Napoleão e de Hinderburg. Para Bukharin, “esta é tão simples quanto falsa, e é falsa justamente porque explica tudo, isto é, nada”.

Antonio Gramsci em seu *Cadernos do Cárcere*¹⁶, especificamente no *Caderno 4*, escrito de 1930-1932, apresenta o paradigma Americanista e os efeitos dele para a

12 *Idem*, p.392.

13 HOBBSBAWM, Eric. “A sociedade depois de 1914”, In: HOBBSBAWM, E. *Da revolução industrial inglesa ao Imperialismo*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

14 KAUTSKY, Karl. *Die Neue Zeit*, 11 de Setembro de 1914. Tradução publicada em FREITAS, Giovanni B. de. *Tradução e análise dos artigos de Karl Kautsky acerca do imperialismo e seus desdobramentos em relação à economia e sociedade contemporânea e o Brasil*. 2012. Texto para Monografia do curso de Ciências Econômicas da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (FCLAr) da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Disponível em: http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/tcc/bar/3129/2012/freitas_gb_tcc_arafcl.pdf.

15 BUKHARIN, N. *O Imperialismo e a economia mundial*. Paris: Editions Sociales Internationales, 1928.

16 GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere. Volume 2: Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

Grã-Bretanha: perda da supremacia naval e comercial, a Inglaterra foi ameaçada pela América até mesmo na cultura, mostra Gramsci. Desse modo, o livro americano foi comercializado junto à cultura, tornando-se um competidor cada vez mais ameaçador do livro inglês, de modo que os editores britânicos - em especial, os que tinham sucursais na América - passaram a adotar métodos de divulgação e propaganda norte-americanos¹⁷.

Pela verniz liberal, Joseph Schumpeter em *Imperialismo e classes sociais* (1919) defende a definição, dentro da discussão da Economia Política, do Imperialismo mais definido pelo passado do que pelas relações de produção no presente e, no mesmo sentido, Norman Angell em *A Grande Ilusão* (1910) assim justifica o imperialismo e a corrida armamentista: “a crença universal de que, para abrigar sua população em crescimento e para o desenvolvimento da indústria, ou simplesmente para garantir a seu povo as melhores condições possíveis, as nações estão obrigadas a buscar sua expansão territorial, exercendo contra as demais a sua pujança política”¹⁸.

Presume Angell, portanto, que a prosperidade de uma nação depende do seu poder político; que, como as nações competem entre si, o triunfo está reservado, em última análise, à que dispuser de força militar preponderante, enquanto as nações mais fracas devem sucumbir, a exemplo do que acontece nas demais esferas da luta pela vida¹⁹.

Corroborando com essas análises, na lógica da ascensão do imperialismo, Lenin esboça minuciosa análise da estrutura do capitalismo em *O Imperialismo, fase superior do capitalismo* (1916), abordando desde a concentração de produção e monopólios, os bancos e seu novo papel, o capital financeiro e a oligarquia financeira até a exportação de capital das grandes potências.

Através de sua análise, que se tornou referência nos estudos sobre o imperialismo, vislumbra-se a estrutura de exploração do proletariado e sua sensível evolução para formas mais requintadas de exploração e de superlucro dos mais ricos sobre os mais pobres, em que metrópoles exploram colônias - esta é a tese de Lenin -, reitera-se a importância do estudo sobre a crise do capitalismo para se entender o imperialismo, que aqui se defende.

Ao mencionar os bancos, Lenin chama atenção para a operação fundamental inicial realizada por eles de intermediários nos pagamentos, convertendo o dinheiro inativo em capital ativo, qual seja, capital que rende lucro, reunindo qualquer espécie de rendimento em dinheiro e colocando-o à disposição da classe capitalista, processo que, segundo ele, começa a se complicar em se tratando da estreita relação entre bancos e indústria, ponto em que se manifesta, de forma mais evidente, o novo papel dos bancos, no contexto do imperialismo.

Se as operações bancárias vão se tornando cada vez mais complexas, mais frequentes e mais firmes, de modo que o banco reúne em suas mãos capitais imensos e as contas correntes permitem ao banco conhecer a situação econômica de seu cliente, o resultado, segundo Lenin, é uma dependência cada vez mais completa do capitalismo industrial em relação ao banco, uma articulação desses capitais e o estreitamento e fortalecimentos destas relações capitalistas. Ao mesmo tempo, houve a união pessoal dos bancos com as maiores empresas industriais e comerciais, a fusão de uns com outros mediante a posse das ações ou participação dos diretores dos bancos nas reuniões dos conselhos das indústrias, e vice-versa. Lenin, ao abordar o aumento da importância do capital financeiro no contexto da crise do capitalismo, cita o Dr. Oscar Jejdelts²⁰:

17 *Idem*, p.101-12.

18 SCHUMPETER, Joseph. *Imperialism and social classes*. EUA: Trustees of Elizabeth B. Schumpeter, 1951.

19 ANGELL, Norman. *A Grande Ilusão*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002, p.52.

20 *Idem*, *ibidem*.

Antes da última década do século XIX; em certo sentido, pode-se mesmo tomar como ponto de partida o ano de 1897, com as suas grandes fusões de empresas, que implantaram pela primeira vez a nova forma de organização descentralizada, de acordo com a política industrial dos bancos. Este ponto de partida pode talvez remontar mesmo a um período mais recente, pois só a crise de 1900 acelerou em proporções gigantescas o processo de concentração, tanto da indústria como da banca, consolidou, converteu pela primeira vez as relações com a indústria num verdadeiro monopólio dos grandes bancos e deu a essas relações um caráter incomparavelmente mais estreito e mais intenso²¹.

Portanto, como mostra Lenin, o século XX assinala o ponto de transformação do velho capitalismo para o novo, da dominação do capital em geral para a dominação do capital financeiro, juntamente à crise de 1900 do capitalismo de que falamos, que alterou e favoreceu esse processo.

Os Monopólios Capitalistas

Ao situar o capital financeiro e a oligarquia financeira Lenin frisa o importante fato do aumento da produção e do capital em grau tão elevado que conduziu à situação do monopólio, em especial, os monopólios capitalistas, resultado da concentração de produção, dos monopólios que resultam dela e da fusão dos bancos e da indústria. A gestão destes monopólios capitalistas, mediante as condições mercantis e de propriedade privada, torna-se dominações da oligarquia financeira. Dois fatos são exemplos disto: (1) As figuras representativas da “ciência burguesa alemã”, e não só alemã - segundo Lenin, são todas apologistas do imperialismo e do capital financeiro; e (2) a “monstruosa dominação da oligarquia financeira” é tão evidente em todos os países capitalistas, como na França, América e Alemanha, que surgiu uma literatura especializada em descrever e fazer uma crítica desta oligarquia.

Lenin mostra que o capital financeiro, concentrado em poucas mãos e gozando do monopólio efetivo, obtinha um lucro enorme, que aumentava a constituição de sociedades, emissão de valores, empréstimos do Estado, etc., consolidando a dominação da oligarquia financeira e impondo a toda à sociedade um tributo em proveito dos monopolistas. Lenin dá o exemplo da administração dos *trusts* americanos, citado por Rudolf Hilferding em *O Capital Financeiro*: em 1887, o capital fixou-se em 50 milhões de dólares; em 1909, era de 90 milhões. Em vinte e dois anos, o capital foi mais do que decuplicado. Ele mostra, por exemplo, que em outros países capitalistas, como a França, a oligarquia financeira apenas adotou uma forma um pouco diferente.

Lenin pontua que, se os lucros do capital financeiro são desmedidos durante períodos de ascensão industrial, durante os períodos de depressão arruinam-se as pequenas empresas e as empresas pouco fortes, enquanto os grandes bancos participam na aquisição das mesmas a baixo preço, ou no seu lucrativo saneamento e reorganização, que têm dupla importância: como operação lucrativa e para colocar sob sua dependência as sociedades necessitadas. A lógica da dependência, segundo Lenin, é sempre presente no capitalismo, no contexto econômico, partindo do mais rico, de quem o mais pobre depende. Outro aspecto especialmente lucrativo sobre o capital financeiro é sobre a especulação com terrenos situados nos subúrbios das grandes cidades que crescem rapidamente. Há uma junção de monopólios: o monopólio dos bancos se junta com a da renda de terra e o das vias de comunicação, pois um é dependente do outro, os quais se encontram nas mãos de grandes companhias, essas ligados a esses mesmos bancos mediante o sistema

²¹ JEIDELS APUD LENIN, *op.cit.*, p.20.

de participação e da distribuição de cargos diretivos. O agravante, diz Lenin, é que, uma vez constituído, o monopólio controla milhões e milhões e penetra de maneira inevitável em todos os aspectos da vida social, independente do regime político e particularidades.

O começo do século XX, portanto, constitui época de mudança, não só com o crescimento de monopólios (cartéis, sindicatos, trusts), mas também com o crescimento do capital financeiro. Lenin finaliza seu capítulo sobre os monopólios com dados do total dos valores emitidos no mundo em 1910 (815 bilhões de francos) e a divisão dos valores em bilhões de francos no ano de 1910 por país. Eles revelam importantes informações: destacam-se, neles, os quatro países capitalistas mais ricos (Inglaterra- 142; EUA-132; França-110; Alemanha-95), deles, a Inglaterra e a França países capitalistas mais velhos e com mais colônias e os outros dois capitalistas avançados pela rapidez de desenvolvimento e grau de difusão dos monopólios capitalistas de produção. Os quatro juntos detinham 479 bilhões de francos, cerca de 80% do capital financeiro mundial, e o resto dos países acabava sendo devedor ou tributário desses países, banqueiros internacionais e quatro pilares do capital financeiro mundial.

Distinção entre Capital e Mercadoria

Lenin, a partir de então, volta suas atenções para o papel das exportações de capital na criação de uma rede internacional de dependências e de relações do capital financeiro, justamente o terreno fértil para o imperialismo. Acerca da exportação de capital, afirma ser prática característica do capitalismo moderno, no qual impera o monopólio, já que, no velho capitalismo, imperava a exportação de mercadorias.

Esta distinção é muito pertinente. O capitalismo, enquanto produção de mercadorias no grau superior de seu desenvolvimento, onde até a força de trabalho se troca uma mercadoria, é marcado pelo desenvolvimento desigual, por saltos, das diferentes empresas e ramos da indústria. No século XX, com o enfraquecimento do monopólio inglês no século XIX, assistiu-se à formação de monopólios de outro gênero: com a união de monopolistas em seus países e a situação monopolista de poucos países riquíssimos. São condições básicas do capitalismo o desenvolvimento desigual e a sublevação das massas. A necessidade de exportação de capitais obedece ao fato de que em alguns países houve um amadurecimento excessivo do capital carece de campo para sua colocação lucrativa. O autor mostra, ainda, que a exportação de capital só se torna mais expressiva no início do século XX.

Pontua Lenin, trazendo-nos dados importantes:

Antes da guerra, o capital investido no exterior pelos três países principais era de 175 a 200 bilhões de francos. O rendimento desta soma, tomando como base a modesta taxa de 5%, deve ascender a 8 ou 10 bilhões de francos anuais. Uma sólida base para o jugo e exploração imperialista da maioria dos países e nações do mundo, para o parasitismo capitalista de um punhado de Estados riquíssimos!²²

Lenin, então, indaga: como se distribui entre os diferentes países esse capital investido no exterior? Onde uma tabela com as partes do mundo entre as quais estão distribuídos (aproximadamente) os capitais investidos está colocado? E afirma estar a resposta aproximada nas relações e laços do imperialismo moderno, mostrando no exterior (por volta de 1910) em bilhões de marcos. Nele, na Inglaterra aparece, em primeiro plano, as

22 LÊNIN, *op.cit.*, p.63.

suas possessões coloniais. A larga exportação de capitais tem ligação forte com as maiores colônias. A exportação de capitais, diz Lenin, repercute no desenvolvimento do capitalismo dentro dos países em que são investidos, acelerando-os extraordinariamente, ao mesmo tempo em que os países que exportam capitais podem, quase sempre, obter certas vantagens.

O Capital Financeiro

Rudolf Hilferding em *O Capital Financeiro* (1910) define o capital financeiro como sendo o capital que se encontra à disposição dos bancos e que os industriais utilizam²³. Em outras palavras, é a transformação do capital bancário (capital sob forma de dinheiro) em industrial, a ser utilizado pelos bancários. Contudo, Lenin considera tal definição incompleta, visto que não indica o aumento da concentração da produção e do capital em grau tão elevado que conduz monopólio.

O capital financeiro criou a época dos monopólios e trouxe consigo os princípios monopolistas, que substituíram a concorrência do mercado aberto. Nesse sentido, o capital financeiro foi expandindo suas redes em todos os países do mundo, com bancos que foram fundados nas colônias, bem como os seus sucursais. Esses países exportadores de capitais foram aqueles que dividiram o mundo entre si, no sentido figurado, processo que foi conduzido pelo capital financeiro, que também fez a partilha direta do mundo.

Em se tratando de partilha direta do capital financeiro, fala-se nas associações de monopolistas capitalistas (cartéis, *trusts*, sindicatos) que dividem entre si, primeiramente, o mercado interno, tomando conta por inteiro da produção do país. Mas, no capitalismo, os mercados interno e externo estão articulados, qual seja, há um mercado mundial, segundo Lenin há muito²⁴. Para ele, a relação com o exterior, as colônias e a esfera de influência das associações monopolistas levou naturalmente a um acordo natural entre elas, à constituição de cartéis internacionais, um novo grau de concentração mundial e da produção, muito mais elevado que os anteriores. Lenin mostra a história dos cartéis elétricos e dos de ferros, exemplos clássicos de cartéis internacionais.

Ao descrever o desenvolvimento no final do século XIX, mostrando o percentual do território pertencente às potências colônias europeias e aos EUA, Lenin é taxativo: como nem na Ásia nem na América existem terras desocupadas, que não pertençam a nenhum Estado, ele acredita que um traço característico do período é a partilha definitiva do planeta, não no sentido que novas partilhas não pudessem ser feitas, mas, sim, no sentido de que não havia novas terras; a política colonial dos países capitalistas já havia completado a conquista de todas as terras, de tal modo, diz Lenin. No futuro, só será possível efetuar novas partilhas, passar a terra para outro proprietário, e não passar um território sem proprietário para um dono.

Para Lenin, vivia-se, à época dele (1916), um momento peculiar da política colonial mundial, intimamente relacionada ao capital financeiro. A questão é - levantada por Lenin e muito pertinente no contexto deste artigo, da articulação entre o capitalismo e o imperialismo: verifica-se uma acentuação da política colonial, exacerbação da luta pelas colônias, no mesmo período do capital financeiro? Para isso, precisa-se entender essa expansão em direção às colônias feitas pelas grandes potências e seus desdobramentos.

23 HILFERDING apud LÊNIN, *op.cit.*, p.20-21.

24 LÊNIN, *op.cit.*, p.1931.

A Fase Final do Capitalismo Monopolista

Para a Inglaterra, o período de intensificação das conquistas coloniais foi de 1860-1890, considerável nos últimos vinte anos do século XIX, período de intensificação maior para Alemanha e França. O período máximo de desenvolvimento pré-monopolista vai de 1860-70, exatamente depois desse período é que aumentam as conquistas coloniais, a luta extraordinária e exacerbada pela partilha territorial do mundo. Portanto, mostra Lenin, “a passagem do capitalismo à fase do capitalismo monopolista, ao capital financeiro, encontra-se relacionada à exacerbação da luta pela partilha do mundo”²⁵.

John A. Hobson, citado por Lenin, destaca em seu livro, através de ricos dados, o período de 1884-1900 como sendo um período de intensa expansão territorial dos principais Estados europeus; ou seja, no final do século XIX, a partir de 1880, os Estados capitalistas notoriamente se esforçaram por adquirir colônias, fato universalmente conhecido na diplomacia e na política externa. Vê-se claramente como no final do século XIX e no início do XX tinha já terminado a partilha do mundo, as possessões coloniais aumentaram em proporções gigantescas depois de 1876 e a desigualdade na expansão colonial é muito grande, por exemplo, Lenin apresenta-nos o dado de que, na corrida imperialista, a França adquiriu quase três vezes mais colônias (do ponto de vista da superfície) do que a Alemanha e o Japão juntos²⁶.

Ao lado das grandes potências, as colônias menos importantes e os Estados pequenos são o objetivo da nova partilha das colônias e é importante entender que o imperialismo já existia antes da fase mais recente do capitalismo. Neste sentido, a política colonial capitalista das fases anteriores do capitalismo é diferente da política colonial do capital financeiro, com isso, nasce o capitalismo moderno.

O Capitalismo Moderno e suas Peculiaridades

A particularidade fundamental do capitalismo moderno consiste na dominação das associações monopolistas dos grandes patrões. A posse das colônias, nesse contexto, é a única coisa que garante de maneira completa o êxito do monopólio contra todas as contingências da luta com o adversário, mesmo quando este procura defender-se mediante uma lei que implante o monopólio do Estado.

Para o capital financeiro, não são apenas fontes de matérias-primas já descobertas que têm importância, mas também as possíveis, pois a técnica avança muito rapidamente, as terras não-aproveitáveis podem se tornar úteis se novos métodos forem descobertos e se grandes capitais forem investidos. Isto também acontece com as riquezas minerais, esta é a tendência inevitável do capital financeiro para ampliar o seu território econômico e até o seu território em geral.

A lógica do capital financeiro/capitalista está completamente articulada à do imperialismo. Os interesses da exportação de capitais levam à conquista de colônias, pois no mercado colonial é mais fácil, utilizando-se meios monopolistas, suprimir o concorrente, garantir encomendas, consolidar as relações necessárias, etc. Além disso, a superestrutura extra econômica em torno da base do capital financeiro, sua política e ideologia reforçam a tendência para as conquistas coloniais, bem como a articulação capital financeiro e a correspondente

25 *Idem*, p.37.

26 *Idem*, p.39.

política internacional – traduzida em luta das grandes potências pela partilha econômica e política do mundo, originam abundantes formas transitórias de dependência estatal.

Tese Central: o Imperialismo é a Fase Monopolista do Capitalismo

E, dito tudo isto, alcançou-se o ponto central da tese do autor em *O Imperialismo, fase superior do capitalismo*. Para Lenin, o Imperialismo surgiu como desenvolvimento e continuação direta das características fundamentais do capitalismo em geral, mas ele só se transformou em imperialismo capitalista quando chegou a um determinado grau, muito elevado, de seu desenvolvimento, quando a estrutura capitalista começou a se transformar em sua antítese e passaram a se manifestar transições para uma estrutura econômica e social mais elevada, com a substituição da livre concorrência capitalista pelos monopólios capitalistas. O monopólio é a transição do capitalismo para um regime superior. Mais resumido possível: o imperialismo é a fase monopolista do capitalismo, sentencia Lenin.

PORCENTAGEM DE TERRITÓRIO PERTENCENTE ÀS POTÊNCIAS COLONIAIS EUROPEIAS E AOS ESTADOS UNIDOS²⁷

	1876	1900	Diferença
Na África	10,8%	90,4%	+79,6%
Na Polinésia	56,8%	98,9%	+42,1%
Na Ásia	51,5%	56,6%	+5,1%
Na Austrália	100%	100%	-
Na América	27,5%	27,2%	-0,3%

DIMENSÃO DAS POSSESSÕES COLONIAIS²⁸

Anos	Inglaterra		França		Alemanha	
	Superfície	População	Superfície	População	Superfície	População
1815-1830	?	126,4	0,02	0,5	-	-
1860	2,5	145,1	0,2	3,4	-	-
1880	7,7	267,9	0,7	7,5	-	-
1899	9,3	309,0	3,7	56,4	1,0	14,7

Hobsbawm e os Desdobramentos da Crise: a Sociedade de Consumo e o Mercado Inglês

Eric Hobsbawm²⁹, por sua vez, analisa o contexto da Grã-Bretanha após 1914, o que

27 Todas as tabelas apresentadas encontram-se disponíveis em LENIN, *op.cit.*

28 Superfície em milhões de milhas quadradas. População em milhões.

29 HOBBSAWM, Eric. *Darevolução industrial ao Imperialismo*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p.255.

poderíamos chamar os desdobramentos da crise e do imperialismo. Mesmo indo além de 1920, é interessante analisar para se observar a dimensão econômica do acontecimento. O fim da era áurea e os desdobramentos da substituição de uma potência mundial por outra, para os ingleses, fica evidenciado após 1931, quando a Grã-Bretanha deixa de ser o eixo da economia internacional, após 1945, deixando de ser até mesmo um império formal de dimensões substanciais e a comparação com outros países industriais tornou-se cada vez mais desfavorável.

Tornou-se cada vez mais difícil, advoga o autor, manter aquela superioridade visível e qualitativa sobre as “ordens inferiores”, o verdadeiro distinto do status da classe média. Primeiro, desapareceram os criados e, depois, a própria classe média, as mais antigas e mais estabelecidas viam o ingresso dos filhos de camadas inferiores (no caso, baixa classe média) nas profissões liberais. A sociedade de consumo de massa é dominada pelo maior mercado que houver; na Grã Bretanha, o da classe operária.

A Nova Realidade do Capitalismo

Já Aloísio Teixeira³⁰ analisa justamente o que chama de nova realidade do capitalismo, situada entre a Grande Depressão (1875) e a Primeira Guerra Mundial (1914-18). Cita autores como Hobson, Hilferding, Rosa Luxemburgo, entre outros e defende a ideia segundo a qual o mundo do fim do século XIX é global em vários sentidos: o mundo situado em 1880, o centenário da Declaração de independência dos EUA (1779), a queda da Bastilha (1789) trazem transformações marcantes no mundo: o mapeamento das regiões globais; os sistemas de transporte e comunicação (ferrovia, vapor, elétrico); os 1.5 bilhões de habitantes (dá o exemplo da população mundial em 1880, o dobro da população em 1780) e as diferenças na distribuição regional. Contudo, o autor pontua que as desigualdades aumentaram em relação ao século XVIII, e as causas para a aceleração das desigualdades residem no desenvolvimento do modo de produção capitalista, através da Revolução Industrial e tecnológica.

Ao mesmo tempo, a combinação entre “globalização” e ampliação das desigualdades, resultante deste quadro, gera dois setores, formando um sistema global diferente entre primeiro e segundo mundo. O 1º é menor, tem uma história e um desenvolvimento capitalista diferenciado, papel eminentemente da Europa, o “longo século XX” eminentemente europeu; o 2º, maior e dependente. O produto europeu era duas vezes maior que o americano. As diferenças políticas que separavam os dois mundos eram menos nítidas fora das Américas, mas as diferenças culturais entre os dois mundos eram gritantes. Um exemplo é o fato de que, em 1880, o mundo “central” (“desenvolvido”) já apresentava indicadores de alfabetização que atingiam a maioria da população masculina e crescentemente feminina.

Ao citar a Grande Depressão de 1870-80, Teixeira faz observações interessantes: o crescimento econômico no capitalismo segue um movimento cíclico, com um intervalo de 10 anos de duração durante o qual a economia sofre uma expansão, recessão, depressão e recuperação, nesta ordem. Após a Grande Depressão, a economia não recuperou seu dinamismo anterior, mas estatísticas mostram que a produção industrial continuou a crescer (exemplos: indústrias de ferro e de aço, esse último termômetro da industrialização), bem como o comércio internacional.

30 TEIXEIRA, Aloísio. *Utópicos, heréticos e malditos: os precursores do pensamento social de nossa época*. São Paulo: Record, 2002.

Portanto, esses indicadores de crescimento revelam uma transformação estrutural mais profunda, e os sistemas alemão e americano eram muito mais adequados às mudanças de base técnica, com novas escalas de produção e modelos de organização industrial, mais do que a velha indústria inglesa. Desse modo, deve-se entender a crise do capitalismo. Teixeira mostra que os EUA e a Alemanha superaram a Inglaterra como potências, e a Revolução Industrial atingiu outros países, como a Rússia e a Suécia.

Contudo, houve uma fase de deflação de preços e redução de rentabilidade do capital, o que influi negativamente nos agentes econômicos; assim, conseqüentemente, o liberalismo econômico acabou, e as tarifas passaram a integrar o arsenal da política econômica, o que era bom para os países que lutavam pela industrialização, como os EUA, e ruim para as hegemônias como a Inglaterra, cujo livre comércio era essencial.

Em diálogo com Lenin, Teixeira aponta para o fato de que a combinação entre mudança na base técnica (com maior escala e oferta e demanda) e a “Grande Depressão” (menor lucro, menores custos) levou a mudanças na estrutura da empresa, reconcentração de capital.

Os tempos das sociedades por ações (SAs) e da administração científica, surgem os trustes nos EUA (ex.: a *Standard Oil Company* para o petróleo passou a controlar 95% da indústria) e os cartéis na Alemanha (ex.: cartel do carvão do Reno e da Westfália que controlava 90% da indústria de carvão). Em outros setores como eletricidade, transporte, armamento, etc, esse esquema de monopólio era comum.

Alteração do Perfil da Empresa Capitalista

Houve, assim sendo, a alteração do perfil da empresa capitalista com busca pela concorrência e novos instrumentos de controle dos mercados. Exemplos: a competição ou diferenciação de produtos, marcas, etc. Esta mudança exigia métodos de administração mais eficazes, o aprimoramento da relação entre tempo-trabalho de produção. A ideia do “tempo é dinheiro” que começava, ali, a se criar. A “administração científica” e a profissionalização da administração, rompendo com a velha estrutura familiar da empresa.

Aloísio Teixeira estabelece um debate teórico muito amplo e interessante sobre as transformações político-estruturais do capitalismo, e um desses debates é “o debate sobre o imperialismo”, que ele classifica como um dos focos de utopias/heresias no século XIX. Define o imperialismo da seguinte forma: política inglesa de expansão e fortalecimento do Império colonial britânico. Frisa o fato de que, inicialmente, não tinha o sentido pejorativo que, posteriormente, viria a ter. A classe dominante, segundo ele, orgulhava-se de ser “imperialista”. A partir do século XX, adquiriu-se novo significado, com novas formas de dominação econômica: o domínio de mercados, o controle de matérias primas e acesso privilegiado a fontes de investimento.

Ao dialogar com a obra de John Hobson, *Estúdio del imperialismo* (1981), Teixeira afirma que a questão central para ele era, primeiro, o subconsumo e, segundo, o excesso de poupança já que, para Hobson, o segundo acarretava o primeiro, além dos trabalhadores, da má distribuição dos ganhos da indústria, da depressão e do subemprego. Hobson estudou a dinâmica interna do capitalismo, a economia da grande empresa, a indústria, o capital financeiro, a concentração de capital, a concorrência, a interdependência de mercados e

percebeu que o verdadeiro “capitalismo moderno” era o dos EUA³¹. Percebeu, ainda, que a concentração industrial só pode ser explicada pelo poder financeiro e de mercado e pela evolução técnica.

Para Hobson, as grandes empresas e os bancos promovem o imperialismo como meio de realizar um investimento rentável com o capital excedente. As conquistas militares, assim sendo, eram o modo de expansão capitalista, mas ele nunca defendeu a abolição do capitalismo, apenas criticava o mercado por promover um padrão de distribuição desigual (de que também fala Lenin) e sugeriu, para eliminar o imperialismo, um conjunto de reformas, a exemplo do planejamento e dos impostos para corrigir desigualdades com o objetivo de estabelecer uma sociedade capitalista industrial dinâmica e democrática.

A Fusão entre os Capitais

Ao comentar a obra de Rudolf Hilferding³², Teixeira apresenta-a como um estudo sobre a concentração de capital, a formação de cartéis e trustes e o papel dos bancos, bem como as consequências econômico-políticas dessa mudança estrutural na economia, qual seja, a fusão entre o capital industrial e o bancário com o domínio dos bancos, o que, como já visto, Hilferding denomina “capital financeiro”.

Nessa lógica, pensa o imperialismo pontuando: (1) o protecionismo das políticas econômicas no desenvolvimento de cartéis/monopólios; (2) a necessidade de aumentar as exportações pelo preço do monopólio na demanda interna; (3) a lógica de exportação de mercadorias e de capitais (mão de obra barata significa um lucro maior); (4) a maior intervenção do Estado, que implica um maior nacionalismo e um maior conflito com os Estados Nacionais. Para o autor, o nacionalismo seria a ideologia ao imperialismo e o colapso do capitalismo seria consequência de processos político-sociais e não econômicos.

Teixeira traz ainda a ampla discussão feita por Rosa Luxemburgo³³, cujo foco central é a reprodução do capital determinada pelas necessidades de consumo. O limite da expansão ao capitalismo seria dado pelo consumo na visão de Luxemburgo.

Considerações Finais

Numa reflexão final, em convergência ao que já foi analisado, ao comentar Lenin e seu clássico³⁴, além de dialogar com a abordagem já feita do autor, Aloísio Teixeira acrescenta aspectos interessantes, como uma pequena introdução, espécie de breve biografia, de Lenin, importante para se entender em que contexto ele escreve e está inserido.

Ele menciona a data da obra, a 1ª Guerra Mundial (1914-18), quando Lenin começou a organizar a III Internacional, espécie de “congresso” de reunião dos marxistas que o partido organizava. Organizou, com Trotski, o Exército Vermelho e assinou a Paz de Brest-Litovski com

31 TEIXEIRA, *op.cit.*, p.324.

32 HILFERDING, Rudolf. *O capital financeiro*. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1985.

33 LUXEMBURGO, Rosa. *A acumulação de capital. Estudo sobre a Interpretação Econômica do Imperialismo*. V.I. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1985.

34 LÊNIN, *op.cit.*

a Alemanha ao fim da guerra, enfrentando forte oposição de Bukharin (contrário a um tratado de paz em separado com alemães) e Trotski (que se posicionava num meio-termo, “nem paz, nem guerra”). Em 1919 criou, finalmente, a III Internacional. *Imperialismo: fase superior do capitalismo* é o último livro a ser escrito por ele e, como pôde ser visto, nele, Lenin lança mão de Hobson e Hilferding.

Para Lenin, portanto, a fase última, a ante-sala ao Socialismo, partindo das transformações estruturais pelas quais o capitalismo havia passado, caracteriza-se pelo *parasitismo* (palavra muito usada por ele para caracterizar o capitalismo e afins, seus desdobramentos, etc.), reacionarismo e agressividade externa.

Numa análise esquemática, de modo a simplificar o entendimento, o capitalismo monopolista seria igual ao imperialismo, que é considerado uma fase do capital financeiro, que implementou as grandes mudanças no capitalismo, em geral. As características do capital financeiro e da nova lógica do capitalismo moderno são: (a) a concentração da produção e do capital; (b) a fusão do capital bancário e do industrial, que resultam no financeiro; (c) predomínio das exportações de capital sobre as de mercadorias; (d) os cartéis internacionais são diferentes do mercado mundial e (e) a partilha do mundo entre as grandes potências, um fato.

Teixeira cita a frase “o imperialismo é a fase superior do capitalismo” para dizer que a crítica de Lenin ao “ultraimperialismo” era correta, revelando a natureza competitiva e conflituosa do capitalismo.

Por fim, em conclusão, ao citar a formação dos impérios coloniais no Pacífico e na África, Aloísio Teixeira esboça um resumo esquemático e didático do mundo com traços característicos da economia de 1875-1914, que explicita bem o contexto e as complexidades em questão neste período de transição, tendo-se, em perspectiva, o capitalismo e o imperialismo e as reflexões de Lenin: (1) a “globalização”; (2) a diferenciação dos centros, a velha e presente desigualdade na distribuição da renda, da tecnologia e das oportunidades no capitalismo; (3) a revolução tecnológica; (4) a financeirização da economia, com a junção do capital bancário com o capital empresarial, as sociedades por ações e, por fim, (5) o novo papel do Estado economicamente junto à mudança na empresa capitalista.